

Todos os louros para *A Hora da Estrela*



Fernanda Montenegro e Tamara Taxman em "A Hora da Estrela", o mais premiado filme do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

As alternativas de vários papéis

Folha de bambu, bagaço de cana, sisal e papiro são as matérias-primas das artistas Anna Mello, Rosângela Frazão e Beth Silva. Com estes materiais as artistas estão expondo toda a potencialidade e a riqueza do papel no hall de entrada do Banco Central até o dia 1 de outubro.

Trilhando diferentes caminhos, fazendo cursos de arquitetura, desenho e Artes Plásticas, as artistas vinham desenvolvendo seus trabalhos isoladamente. Dos corredores da UnB, onde estudavam, descobriram o trabalho de cada uma e resolveram unir seus talentos.

Nesta exposição, elas queriam mostrar o seu trabalho apenas para um público específico como pintores, artistas plásticos. A potencialidade de se usar o papel como arte levou as três artistas a montarem uma exposição em que o público leigo se sentisse atingido pela beleza dos materiais.

As dificuldades com patrocínio para que possam pesquisar as diferentes fibras e aprimorar o trabalho que já está sendo desenvolvido, segundo as autoras, coloca o seu trabalho entre o industrial e o artesanal.

No entanto, depois da coleta, seleção, limpeza até chegar ao controle da textura e do tamanho desejado, o que se vê são obras de arte tanto em papel de fibra natural como em papel reciclado.

O maior mérito das artistas é transformar as folhas de maneira, de lírio, sisal e até grama, em verdadeiras obras singulares, onde o equilíbrio da forma e das cores vislumbra o imenso potencial que as artistas estão desenvolvendo.

Simple, porém universal

Bastante emocionada com os dez prêmios que arrebatou no Festival com o seu filme "A Hora da Estrela" (melhores filme, ator, atriz, roteiro, cenografia, diretor, trilha sonora, fotografia, montagem e prêmio de crítica), a cineasta Suzana Amaral disse que o sucesso do trabalho deve-se à sua simplicidade: "podê ser entendido por crianças, pelo povo do Nepal, pelo matuto nordestino, pelo intelectual, sendo, portanto, um filme universal".

Ainda no sagão do hotel, onde recebia sua filha que acabava de chegar de São Paulo, Suzana não pode esconder a perplexidade quando começaram a circular as primeiras informações sobre a premiação dos filmes. "Mas já sabia previamente que a fita era um sucesso porque, após a exibição, muitas pessoas fizeram questão de me abraçar, algumas até chorando, e o público me homenageou exigindo que eu subisse ao palco", comentou Suzana.

"A Hora da Estrela" foi baseada no último livro escrito e publicado por Clarice Lispector. Conta a estória de uma nordestina ingênua e simples que vai para o sul como tantas outras, para enfrentar a cidade grande com seus milhões de habitantes. As fracas aventuras de uma moça na cidade grande, toda feita contra ela. É uma estória simples mas universal à medida em que, hoje, essa busca em direção aos grandes centros urbanos acontece no mundo inteiro. E também uma

metáfora do embate entre o norte e o sul do País: os dois "brasis": entre o clã do sul e "essa raça anã que um dia, talvez, vai reivindicar o direito ao grito".

Suzana Amaral diz que leu essa estória em New York, em 78. "Despertou em mim grande emoção, pois não é que eu me sentia também um pouco nordestino em New York?". Ao voltar ao Brasil comprou os direitos autorais e começou a trabalhar na adaptação. Após três revisões, o roteiro ficou pronto para ser filmado. Os trabalhos foram concluídos há 15 dias, com uma produção em torno de 700 milhões de, cifra considerada reduzida pela diretora.

Citando Clarice Lispector ("os fatos são sonoros, mas entre os fatos, são sussurros que me interessam"), Suzana se diz apaixonada pela obra, à qual procurou ser o mais fiel possível. Comenta que fez apenas algumas adaptações para ajudar na linha dramática do trabalho. "A obra me chamou. Fui predestinada para reescrever Clarice. O filho da escritora, inclusive, ficou bastante emocionado quando viu o copião da fita".

Suzana Amaral disse que já tem planos para o próximo filme, também na linha intimista, mas vai preocupar-se agora em comercializar "A Hora da Estrela", inclusive tentando introduzi-lo no mercado internacional. Quanto aos demais filmes da mostra competitiva em 35mm, disse que gostou mais de "Jogo Duro", além do seu, e, em terceiro lugar, de "Tigipiô".

A *A Hora da Estrela* arrebatou, nada mais, nada menos, que dez prêmios no XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Direção, trilha sonora, fotografia, cenografia, roteiro, montagem, melhor ator, melhor atriz, e prêmio unânime da crítica foram os troféus entregues a Suzana Amaral e sua *troupe*, entre aplausos delirantes de uma plateia composta mais por jornalistas e aficionados do cinema do que propriamente do grande público. Como surpresa geral e felicidade da Fundação Cultural do Distrito Federal, o ministro da Cultura, Aluísio Pimenta, subiu ao palco do Cine Brasília para a entrega do troféu *Candango* a Suzana Amaral. Não faltaram sequer algumas vaías, mas o clima do festival dominou o ambiente. Tudo marcado pela mesma simplicidade que exala do filme premiado, apesar de não faltarem alguns casacos de pele fora de propósito meteorológico e fartos "fius-fius" para as belas pernas de Iris Nascimento, que conseguiu, com talento, o prêmio de melhor atriz coadjuvante no filme *Pedro Mico*.

O prêmio de mais emburrado da festa foi arrebatado, *hour concurs* pelo cineasta Pedro Jorge, diretor do filme *Tigipiô*, que apenas conseguiu o troféu *Candango* de melhor ator coadjuvante para B. de Paiva. Pedro Jorge, horas antes da entrega do prêmio, não conseguiu esconder sua frustração no Garvey Hotel ao tomar conhecimento da premiação do festival. Segundo ele, seu filme sofreu uma ação lobbista, não se sabe de quem nem de onde. Mas disse que o destino o havia marcado definitivamente por ter se tornado um cineasta de Brasília.

A comissão julgadora da mostra competitiva do festival foi composta

por Pedro Vasques, Mário Carneiro, Carlos Galvão, Siron Franco, Geraldo Sobral Rocha, Eduardo Escorel, Rogério Rodrigues, Oswaldo Caldeira e Luiz Humberto Pereira, diretor executivo da Fundação Cultural e presidente da comissão. Entre os melhores momentos da festa, a comissão resolveu anunciar algumas recomendações para o cinema brasileiro: que sejam utilizados os mesmos critérios para bitolas em 35 e 16mm; que os filmes inscritos em quaisquer festivais apresentem qualidade mínima de som e imagem e que todos os filmes premiados em mostras competitivas tenham prêmios em dinheiro.

Marcella Cartaxo e José Dumont foram os atores premiados em *A Hora da Estrela*. Marcella, paraibana, foi escolhida por Suzana Amaral ao representar em São Paulo uma peça de teatro pouco conhecida. Suzana a escolheu por pressentir que, apesar do sotaque — aliás era exatamente o que queria — o talento explodia na atriz. José Dumont, o Olimpio do filme, já é conhecido nacionalmente por suas apresentações em *O Homem que Virou Suco* e *Baiano Fantasma*. Mais duas atrizes dão o toque de classe em *A Hora da Estrela*: Tamara Taxman e Fernanda Montenegro.

Na história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi a primeira vez que apenas um filme conseguiu premiação unânime. Esta unanimidade foi seguida, inclusive, pelo juri popular que enxergou na *A Hora da Estrela* um filme capaz de comover e sensibilizar uma plateia pouco acostumada à linguagem poética de Clarice Lispector transformada em imagens de 35 mm.

Vence Coração de Macunaíma

A premiação da mostra em 16mm contemplou um maior número de filmes do que a de 35mm. Por unanimidade, foi escolhido o filme «Exupia, Coração de Macunaíma», de Paulo Veríssimo, como o melhor da bitola 16. Dois Macunaímas viajam pelo Brasil atual e procuram os rastros do seu criador Mário de Andrade para ver se ele topa mudar seus destinos de «heróis sem nenhum caráter». Mas para que Mário possa mudar seu destino, eles terão que recuperar a Muiraquitã, amuleto mágico, símbolo de identidade, que caiu nas mãos do gigante Piaimã, comedor de gente.

Os encontros e desencontros dos dois Macunaímas, recriam as aventuras do herói de nossa gente, que se defronta com os sufocos da taba gigante da civilização, tentando resgatar a vida em meio aos conflitos de dois Brasis que se entredevoram. Como atores principais estão Grande Otelo, veterano em obras de Mário de Andrade, e Carlos Augusto Carvalho.

Como melhor diretor na bitola 16, recebeu o «Candango» Eunice Gutman, pelo filme «A Rocinha Tem História». Como melhor atriz coadjuvante foi premiada a atriz presidiária Sílvia Regina, pelo filme «Nós de Valor, Nós de Fato». Ao receber o troféu, Sílvia enfatizou a importância de, pela primeira vez, uma presidiária ser premiada em festival, o que aumentaria sua disposição em lutar contra as

injustiças do sistema penitenciário brasileiro. Muito aplaudida pelo público. Já o prêmio de melhor ator coadjuvante coube a Antônio Carlos Brunet, pelo filme «A Divina Pelotense». Pelo melhor roteiro, dividiram o prêmio Rubens Xavier e Maria Rita Kehl, do filme «Boca Aberta». O «Candango» de melhor fotografia coube a Aluísio Raulino, pelo conjunto de obras «Comitiva Esperança», «Boca Aberta» e «Inventário da Rapina». Wilson Solon, pelo filme «Selvageria», recebeu o troféu de melhor montagem. Já o prêmio de melhor trilha sonora coube a Cátia de França, pelo trabalho realizado para «Um Caso de Vida ou Morte». Como melhor técnico de som foi premiado Francisco Pereira de Souza, pelo conjunto de obras «Mãos de Deus», «E Ai» e «Perseghini». Já os filmes «Fala só de Malandragem», «Nós de Valor, Nós de Fato» e «Um Caso de Vida ou Morte», receberam menção especial do júri.

Já na categoria curta-metragem, bitola 35mm, receberam menção especial «Parahyba», «Madame Cartô» e Ugo Gerogetti, pelo filme «Jogo Duro». O melhor curta-metragem foi «Porta de Fogo», de Edgard Navarro. Ricardo Bravo foi premiado como melhor diretor por «Nifrapo» e Edgard Navarro, melhor roteirista por «Porta de Fogo». A melhor fotografia coube a Antônio Carlos Seabra.